

Ministro pode cair, adverte 'Journal'

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — O banqueiros internacionais que negociam a dívida brasileira foram avisados que podem estar contribuindo para a queda do ministro Bresser Pereira. Isso está no **Wall Street Journal** de ontem. Ele cita a imprensa brasileira e círculos políticos como focos de especulação de que o ministro Bresser Pereira pode renunciar.

Se o ministro Bresser sair, as negociações em Nova York sofrerão uma reviravolta depois que progrediram "tortuosamente" por vinte dias. O chefe dos negociadores, Fernão Bracher, que é amigo íntimo de Bresser Pereira, também deixaria o seu cargo, segundo o jornal.

Fernão Bracher, chegando às 12h45 para uma nova reunião com os banqueiros, confirmou apenas um dos itens da notícia do **Wall Street Journal**, o de que é amigo íntimo do ministro Bresser Pereira. "Hoje é o último dia Bracher?", perguntou **O Estado**. Ele respondeu: "Se Deus quiser e a Virgem Maria ajudar".

O **WSJ** conta que o presidente Sarney e o presidente do BC, Fernando Milliet, permitiram aumentos salariais nas últimas semanas que excedem o limite proposto pelo ministro Bresser Pereira, minando sua estratégia de conter a alta da inflação.

"Eles estão fazendo a vida de Bresser ficar muito difícil" — explica um economista latino-americano para o repórter Peter Truel em artigo publicado no alto da página 33 do jornal.

As negociações de Nova York, segundo o jornal, estão numa fase delicada. O acordo seria incomum, porque os bancos emprestariam US\$ 3 bilhões para o Brasil pagar os juros que deve aos próprios bancos. O acordo que está prestes a ser concluído é classificado como provisório pelo jornal, porque vai requerer que as duas partes armem uma reestruturação da dívida brasileira até o final do ano, com o Brasil concordando com um programa econômico com o FMI.

Mas o jornal lembra que qualquer acordo com o FMI pode pro-

vocar a queda do ministro Bresser Pereira, sendo uma exigência impossível dos banqueiros.

Fernão Bracher, pela manhã, disse ao **Estado** e **JT** que o FMI já não era mais o problema que atrasava o anúncio do acordo. Ele passou a falar de bônus, antecipando que o comunicado final dos bancos credores deverá dar uma grande força à idéia dos bônus, antes considerada uma violação, porque mal-entendida.

Mas o **WSJ** diz que tudo o que foi construído até agora vai desabar se o ministro Bresser Pereira for levado à renúncia e então, acrescenta, os bancos serão duramente atingidos com a ordem de abater a dívida brasileira em 10%, cumprindo uma decisão já recomendada pela Interagency Country Exposure Risk Committee (Icerc) ao secretário do Tesouro, James Baker, que ainda não a assinou.

Nesse cenário, o Brasil perde muitas das linhas de curto prazo que alimentam o comércio exterior brasileiro, que este ano chegará aos US\$ 10 bilhões, mais do que os

US\$ 8,35 bilhões alcançados em 1986. Os credores estão animados com esses números, diz o jornal, mas o acordo que concluem atualmente é considerado "ridículo" por um dos entrevistados, o consultor Norman Bailey. Para Bailey, o "acordo é quase pior do que os bancos emprestem dinheiro a si próprios".

O **WSJ** pode apressar as negociações com a ameaça de que os banqueiros estão ameaçando o ministro Bresser. Um dos banqueiros entrou com o jornal debaixo do braço no começo do 20º dia de negociações.

Quando a reunião de anteontem terminou, às 21h20 de Nova York (0h30 de ontem no Brasil), o **Estado** e o **JT** perguntaram a Fernão Bracher porque o acordo estava sendo adiado tanto. Ele apontou para um advogado dos banqueiros, que saía do prédio e disse: "Detalhes". Um dos brasileiros gritou para o advogado: "Ei Bill, quer dizer algo para a imprensa?". Aí ele respondeu: "Quero sim. Boa noite".